ANUÁRIO '2016
DA AVICULTURA INDUSTRIAL

ISSN 1516-3105

Nº 11|2015 | ANO 107 | Edição 1250 | R$ 45,00

Gessulli AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

ANO POSITIVO, MAS DE CUSTOS ELEVADOS

Avicultura brasileira registra crescimento em produção, consumo per capita e nas exportações. Mesmo assim, setor avícola viu seus custos aumentarem ao longo do ano puxados pela alta do dólar, o que impactou os preços internos de milho, soja e de insumos importados.

ENTREVISTA

Alan Bojanic, representante da FAO no Brasil, fala sobre a questão do desperdício de alimentos e do papel do país no combate à fome no mundo.

15 ANOS
aveSul
DESDE 2002
03 a 05 de maio de 2016
Florianópolis | SC | Brasil
CentroSul

A AVICULTURA DE CORTE EM 2015 - UM ANO QUE ACABA SEM TER COMEÇADO

Apesar do ano de 2015 ter sido conturbado, a avicultura de corte brasileira sobreviveu e cresceu e deve superar, pela primeira vez, a produção chinesa. As exportações responderam aos incentivos de mercado e continuam avançando.

Por | *Jonas Irineu dos Santos Filho*[1] *e Dirceu João Duarte Talamini*[1]

Poucos brasileiros perceberam no início do ano de 2015 o tamanho da crise econômica que se iniciava. A maioria das instituições financeiras não acreditava em recessão, se discutia a possibilidade ou não da inflação sair da meta (ou somente ficar levemente acima) e o dólar estava em torno de R$ 2,7. Chegamos ao final do ano e temos uma crise aguda acontecendo. A inflação já supera os dois dígitos, a produção industrial teve forte queda no ano (estima-se que chegará ao final do ano com queda de 7%), o dólar está perto de R$ 4,00 e as previsões do próprio governo são de queda do PIB. Para finalizar começamos o ano com uma projeção de déficit no orçamento do governo de R$ 50 bilhões e acabamos o ano com perspectivas, do próprio governo federal, de déficit superior a R$ 120 bilhões - alguns analistas de mercado acreditam que este déficit poderá atingir cerca de R$ 200 bilhões.

Assim, o ano de 2015 se caracterizou como o pior ano da economia brasileira no século XXI. Para além dos problemas macroeconômicos que afetaram a nossa economia durante o ano, a falta de chuvas desde 2013 e o aumento da demanda devido à queda nos preços em 2012/13 criou uma grande crise no setor energético. Com a falta de energia gerada nas hidroelétricas foi necessário ligar as usinas termoelétricas que, mais caras, fizeram o custo da energia elétrica no Brasil subir mais de 50% em 2014/15, levando a uma das energias mais caras do mundo. É fácil imaginar o impacto que um aumento de mais 50% no preço da energia elétrica causaria na economia brasileira. Setores altamente demandantes de energia como a siderurgia e a construção civil (cimento, aço, cerâmica, etc.) sofreram bastante e ainda estão sofrendo.

As contas públicas brasileiras vêm se deteriorando nos últimos, retirando a capacidade do governo de atuar diretamente na crise. Pelo contrário, contas antes pagas pelo erário público foram devolvidas ao consumidor final. Para piorar, o País está enfrentado a maior crise politica da nova democracia e tem afastado o investimento privado, afetado sensivelmente o câmbio, potencializado o aumento na taxa de juros, fazendo assim, um círculo danoso para o desenvolvimento.

Alguns problemas podem ser resolvidos no curto prazo. A crise política precisa de negociação entre os atores desta esfera para chegar ao fim. Por outro lado, o problema de energia elétrica no Brasil é real e precisa ser discutida com seriedade e serenidade. Segundo estudo efetuado pela Firjan a energia elétrica industrial brasileira é uma das mais caras do mundo. A energia move o mundo e é fundamental para a competitividade e para o desenvolvimento industrial e econômico de um país. Sem energia elétrica fazer infraestrutura fica caro, fazer indústria metalúrgica e aí envolve a indústria automobilísta e toda a indústria que vem junto dela - o famoso efeito multiplicador "a montante e a jusante" - e o efeito se estende pelos serviços, empregos e por fim sobre a demanda.

O preço da energia elétrica cresceu no Brasil devido à falta de chuva, pois a partir da nova Constituição brasileira, deixou-se de construir hidroelétricas com reservatórios de água. Claro que fazer reservatórios causa impacto pela inundação de áreas agrícolas e florestais. Porém, não fazê-

-los também causa problemas. Temos de usar termoelétricas, gastar combustíveis fósseis, perder a competitividade do País, e por final, será que é possível quantificar quanto custa em termos de vidas a falta de recursos quando o PIB cai 1%.

Muitos sugerem como solução a produção de energia eólica e solar. Desde que, apresentando um custo menor de geração que as hidroelétricas estas fontes são bem-vindas. O problema é que os custos de geração e distribuição destas fontes são elevados o que encarece todo o sistema. No caso da energia eólica, estudo efetuado na Inglaterra e Dinamarca mostrou que a eficiência nas turbinas em gerar energia elétrica cai significativamente ao longo do tempo chegando a diminuir mais de 30% nos primeiros dez anos. Se esta energia não for muito mais barata no início, no longo prazo o seu efeito será catastrófico.

Outro item importante para a cadeia produtiva, a mão-de-obra, continua a ser um problema. A Instrução Normativa 36 e a Norma Reguladora 12, editadas pelo Ministério do Trabalho, tiveram impacto direto sobre o custo de produção e a geração de empregos nas empresas. Se existia pouco ganho de escala no abate de frangos, atualmente este fato não é mais verdadeiro. A necessidade de automação e robotização na indústria visando diminuir a dependência de mão-de-obra e os problemas trabalhistas tem criado um novo paradigma de escala. Atualmente plantas de abate com capacidade inferior a 200 mil frangos já estão fora do ótimo econômico.

No ano de 2015, visando fugir dos altos custos e possível passivo trabalhista observou-se uma grande corrida pela automação na linha de abate, evisceração e corte. Este crescimento da automação mostrará reflexos na geração de empregos nos municípios com grande dependência da indústria avícola e que ainda tinham plantas de média e pequena escala com menor intensidade de automação. Lógico que a segurança do trabalhador é fundamental e é

Figura 01. Variação do preço do Kwh de energia elétrica no Brazil, dez 1995=100

Fonte: IBGE

papel do Estado garanti-la, entretanto, estudos científicos devem ser sempre efetuados para medir o real benefício das medidas e propor correções quanto necessárias.

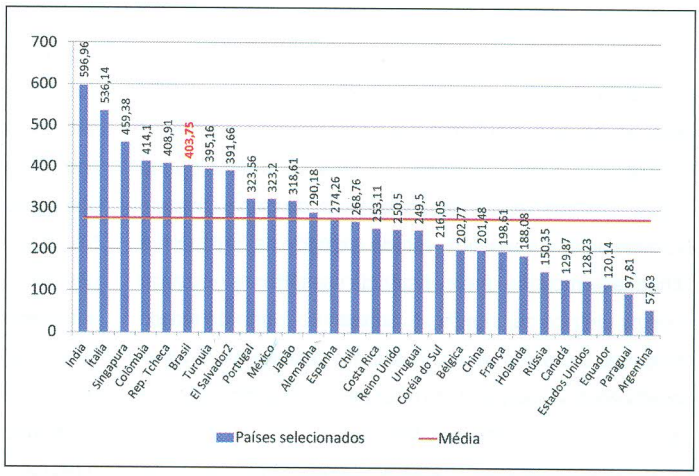
Os problemas de logística continuam estrangulando o lucro dos produtores e da indústria. O modal rodoviário brasileiro ainda se mostra irredutível a mudanças. O Arco Norte parece ser o espaço mais dinâmico de mudanças na logística brasileira nos próximos anos. A região Sul, que tem apresentado um grande déficit no suprimento de milho nos últimos anos, ainda não possui um projeto e nenhuma ação que viabilize, a custos competitivos, o transporte deste produto do Norte do Mato Grosso, que é a região com maiores excedentes no País. Esta dificuldade de abastecimento tende a ampliar a distância entre os preços na região de consumo e na região de produção, comprometendo a competitividade dos Estados do extremo sul, grandes produtores nacionais.

Caso não se concretizem, no curto e médio prazo, medidas para sanar o problema de escoamento de milho para a região deficitária, pode-se comprometer a competitividade total da avicultura nacional. A melhoria de escoamento pelos portos da região Norte vai favorecer as exportações e um incremento no preço pago ao produtor, o que sem dúvidas é benéfico. Contudo, os maiores preços do milho e da soja irão aumentar o custo de produção de frangos, ovos e suínos tanto nas regiões de produção de milho como na região Sul do Brasil. A solução para manter estes setores em equilíbrio é diminuir o custo de escoamento do Norte do Mato Grosso para a região Sul e Sudeste do Brasil mantendo a competitividade e o fornecimento de alimentos de qualidade e baixo preço para a população.

Também não se deve esquecer a possibilidade de aumento na oferta de matérias-primas para as rações na região Sul. Existe, durante o outono e inverno, uma área de mais de dois milhões de hectares, que não são aptas ao cultivo do milho safrinha, sem utilidade econômica nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O melhoramento genético de variedades de cereais de inverno destinados à alimentação animal com alta produtividade (trigo, cevada, centeio) e baixo custo de produção podem gerar renda no meio rural e auxiliar a minimizar o déficit de milho nestes dois Estados. Por fim, programas que aumentem a produtividade, a qualidade e o armazenamento do milho nos Estados deficitários, e no Brasil como um todo, são bem-vindos.

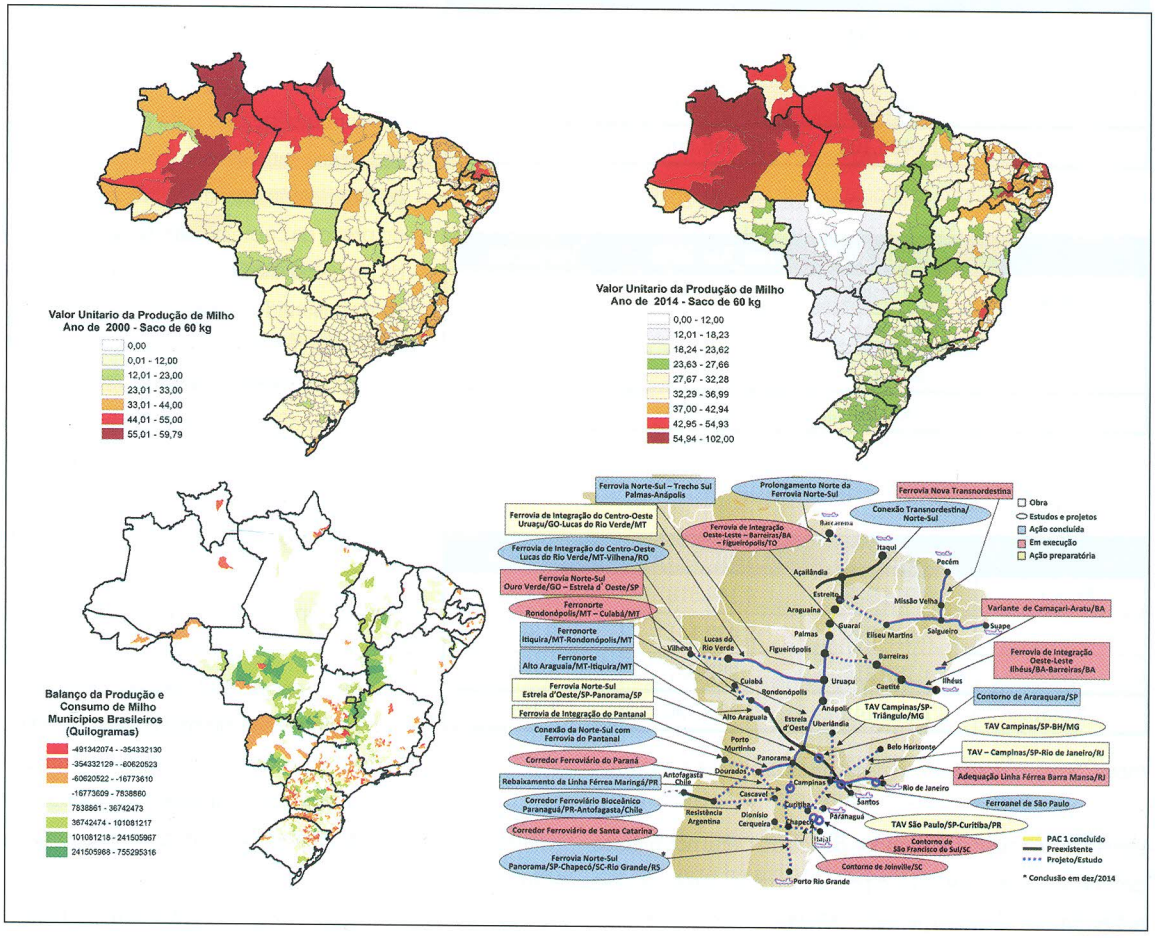
O aumento do déficit de produção de milho na região Sul e os altos custos da logística estão ampliando a diferença de preço do milho entre as regiões de superávit e de déficit. Na Figura 03 entre ano de 2000 e 2014 pode-se observar que ampliou a diferença de preços do milho pago ao pro-

Figura 02. Custo da tarifa industrial de energia elétrica em países selecionados em 2014



Fonte: Firjan (2014)

Figura 03. Mapas do preço pago ao produtor pelo milho em 2000 e 2014, do balanço da produção e consumo e dos projetos de logística férrea do Brasil



Fonte: *Mapas e cálculos efetuados pelos autores com dados do IBGE, PAC (2014)*

dutor entre o Norte do Mato Grosso (região de superávit) e Santa Catarina o Rio Grande do Sul (Estados com déficit crescente de milho). Também, conforme pode ser visto também na Figura 03, os projetos que visam melhorar a malha ferroviária brasileira e que passam na região de produção chegando a região de consumo de milho ainda estão em fase de estudos.

Com todos os problemas vividos em 2015 a avicultura de corte não ficaria imune à crise brasileira. Enquanto no primeiro semestre o volume exportado foi 2,6% acima do mesmo período em 2014, nos primeiros quatro meses do segundo semestre de 2015 elas foram 5,35% superiores ao mesmo período no ano de 2014. Ainda assim, o crescimento da produção acima de 4,8% levou a um aumento na disponibilidade interna de 5,86%. Como dito nos parágrafos anteriores o ano não tem sido fácil para a economia. A queda na atividade econômica e consequente aumento do desemprego e renda da população tem arrefecido a demanda.

Se por um lado, a variação expressiva no câmbio, de janeiro a outubro de 2015, causou um impacto positivo nas exportações, por outro ocorreu um expressivo crescimento no custo de produção. Além disso, ocorreu uma diminuição nos valores médios em dólar pagos pelos importadores. Desta forma, embora o preço pago em dólar por kg do frango exportado tenha apresentado um decréscimo de 14,45%, a variação do câmbio, com desvalorização de 40,48% do real levou a um resultado positivo de 26%. O aumento no custo de produção do frango vivo de mais de 16% no mesmo período, juntamente com a elevação do custo de abate, processamento e transporte, deve ter reduzido a lucratividade neste mercado.

Se em 2015 a desvalorização do real foi benéfica para as exportações, pelo lado da produção levou a uma grande

Abate Fiscalizado (SIF) nos anos de 2014 e 2015 - (Ton.)

	Jan_Jun 2014	Jan_Jun 2015	Variação
Frango	5.817.311	6.096.434	4,80%
Bovinos	3.281.403	3.089.038	-5,86%
Suínos	1.384.388	1.481.328	7,00%
Total	**10.483.102**	**10.666.800**	**1,75%**

Exportações brasileiras de carnes nos anos de 2014 e 2015

	Jan_Jun 2014	Jan_Jun 2015	Variação
Frango	1.902.384	1.951.916	2,60%
Bovinos	764.504	656.897	-14,08%
Suínos	234.072	221.991	-5,16%
Total	**2.900.960**	**2.830.804**	**-2,42%**

Disponibilidade interna de carnes de frangos, bovinos e suínos nos anos de 2014 e 2015.

	Jan_Jun 2014	Jan_Jun 2015	Variação
Frango	3.914.927	4.144.518	5,86%
Bovinos	2.516.899	2.432.141	-3,37%
Suínos	1.150.315	1.259.337	9,48%
Total	**7.582.142**	**7.835.996**	**3,35%**

Fonte: *Cálculo dos autores com dados do IBGE e MAPA-AGROSTAT*

elevação dos custos. Segundos dados do Deral nos últimos dez meses do ano de 2015, o preço do milho, farelo de soja e óleo bruto de soja, que são os insumos de maior peso no custo de produção, apresentaram um incremento de 15,84%, 19,10%, 30,84%. Os preços da energia elétrica e do óleo diesel apresentaram um crescimento médio nos dez primeiros meses de 2015 de 50,60% e 10,99%, respectivamente. Os preços de itens como vitaminas, aminoácidos e medicamentos, que são em sua quase totalidade adquiridos no mercado internacional, são fortemente influenciados pela variação do dólar e tiveram variações no mercado brasileiro próximas às variações do dólar.

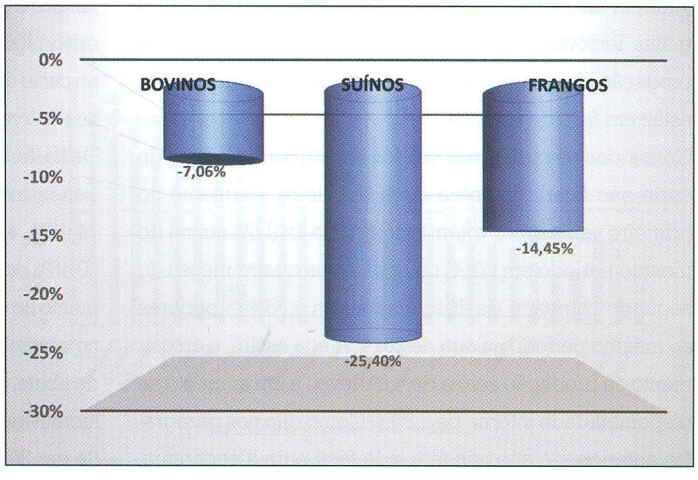
No que se refere ao mercado varejista brasileiro, o preço do frango em pedaços teve uma pequena variação positiva de 2,89%, menor, contudo, que o IGP-DI que foi de 8,58%, apresentado perdas em termos reais. O frango inteiro, principalmente em função de uma variação expressiva nos últimos dois meses, apresentou elevação de 7,75% no seu preço no mesmo período, com menores perdas que o frango em pedaços.

Assim, no mercado interno a resultante de forças da oferta (custo de produção) e demanda (preço pagos pelo consumidor) não foram benéficas para o setor de frangos. O ano somente não é catastrófico para o setor devido ao expressivo crescimento do preço da carne bovina. No varejo a falta da carne bovina no mercado foi percebida pelo consumidor e levou a uma variação no preço nos primeiros dez meses do ano, dos principais cortes, superior a 25%. O efeito substituição, principalmente para a classe média que consome carne de primeira levou este consumidor para a carne de frango e sustentou os seus preços diferentemente da carne suína *in natura* que no Paraná, no atacado, apresentou decréscimo de preços em quase todos os itens.

Apesar do ano de 2015 ter sido conturbado, a avicultura de corte brasileira sobreviveu e cresceu e deve superar, pela primeira vez, a produção chinesa. As exportações responderam aos incentivos de mercado e continuam avançando.

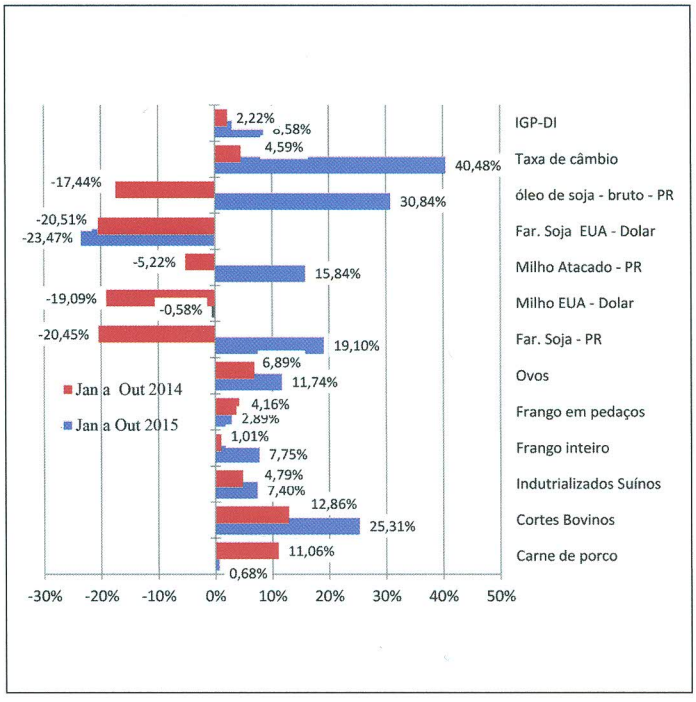
Quanto à situação nos demais países produtores, é notória a modificação da configuração dos países produtores de frangos no mundo onde a Índia, Rússia, Turquia e Tailândia

Figura 04. Variação do valor em dolar nos dez primeiros meses de 2015 das exportações em relação ao mesmo período no ano de 2014



Fonte: *AGROSTAT*

Figura 05. Indicadores econômicos e variação de preços dos insumos e principais produtos cárneos no Brasil



Fonte: *Cálculo dos autores com dados do IPCA-IBGE, FGV, IPEADATA, SEAB-PR*

apresentam crescimento expressivo na produção. Também merece destaque o crescimento da produção na União Europeia, fruto do crescimento da produção na Polônia e Hungria.

O ano de 2016 começará cheio de incertezas. Os problemas políticos continuarão a afetar a economia e influenciar o câmbio, que impacta mercados e preços e, consequentemente, a cadeia produtiva do frango que é bastante globalizada. O preço do dólar, que apresentou pequena queda no mês de novembro, ainda é uma incógnita e mesmo que a crise política seja resolvida, não se espera uma queda no seu valor para o próximo ano. Na atual conjuntura acreditamos que é necessário um dólar valorizado para alavancar as exportações industriais brasileiras, já que o consumo interno não deve ser forte e desestimular as importações de manufaturas e produtos de baixo valor, geralmente chinesas.

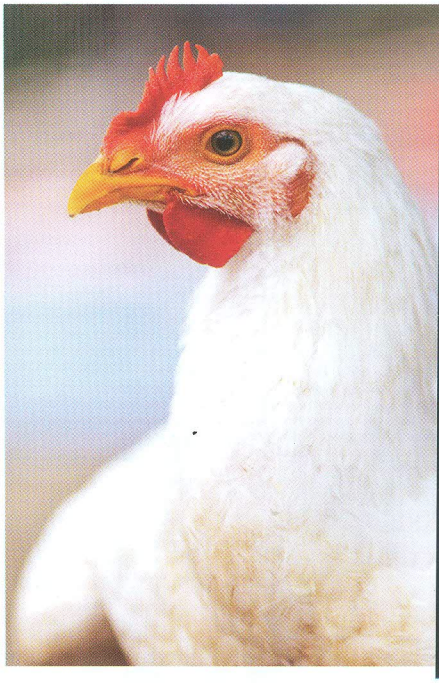
O mercado internacional sinaliza para a continuação de queda, em dólar, nas cotações internacionais do farelo de soja, confiantes no crescimento das produções norte-americana e brasileira. Além disso, um governo mais liberal na Argentina e a redução da taxação nas exportações, também tendem a aumentar a disponibilidade deste produto no mercado internacional. Quanto ao mercado do milho, a continuidade do incentivo do seu uso na produção de álcool também deve garantir a estabilidade das cotações ao longo de 2016.

No que se refere à agricultura brasileira, a expectativa é que o clima dê sua contribuição. Os meteorologistas consideram que os efeitos do *El niño*, foram benéficos para a safra 2014/2015, e se estenderão até meados de 2016, favorecendo novamente uma boa safra de milho e soja garantindo o abastecimento e as exportações do País.

Quanto ao comércio internacional da carne de frangos espera-se um mercado ainda aquecido no próximo ano. Existe uma preocupação sobre a diminuição do crescimento econômico da China, mas mesmo que isto ocorra, cremos que o mercado para carne de frango ainda estará aquecido no próximo ano devido aos problemas sanitários que estão ocorrendo nos Estados Unidos e México, ao crescimento da economia indiana, recuperação econômica norte-americana e do Japão.

O Brasil deverá se manter como maior exportador mundial, o já ocorre há mais de dez anos. Os Estados Unidos devem recuperar uma fatia do mercado perdido em 2015 e a Argentina, com um novo governo e uma melhor politica comercial, fortalecerá sua presença no comércio internacional. A Tailândia juntamente com a União Europeia manterão sua trajetória e planos na produção avícola.

O mercado interno brasileiro ainda será um problema em 2016. Todos os prognósticos sinalizam para um ano difícil para a economia do País no próximo ano que, somado ao ano negativo de 2015, vão fragilizar muito a economia e o consumo das famílias.



Países	2011	2012	2013	2014	2015	2016	TGC
Produção de carne de frango no mundo e em países selecionados							
1- Estados Unidos	16.694	16.621	16.976	17.299	17.966	18.365	2,106%
2- Brasil	12.863	12.645	12.308	12.692	13.080	13.480	1,053%
3- China	13.200	13.700	13.350	13.000	13.025	13.100	-0,616%
4- União Europeia	9.320	9.565	9.910	10.330	10.600	10.845	3,215%
5- Índia	2.900	3.160	3.450	3.725	3.900	4.200	7,588%
6- Rússia	2.575	2.830	3.010	3.260	3.550	3.650	7,417%
7- México	2.906	2.958	2.907	3.025	3.100	3.160	1,727%
8- Argentina	1.770	2.014	2.060	2.050	2.060	2.100	2,657%
9- Turquia	1.619	1.707	1.924	1.956	1.980	1.990	4,359%
10- Tailândia	1.350	1.550	1.500	1.570	1.650	1.650	3,596%
11- Indonésia	1.515	1.540	1.550	1.565	1.625	1.640	1,634%
12- Outros	14.447	14.992	15.549	16.077	15.408	15.156	1,020%
Mundo (Total)	**81.159**	**83.282**	**84.494**	**86.549**	**87.944**	**89.336**	**1,925%**
Importações de carne de frango no mundo e em países selecionados							
1- Japão	895	877	854	888	900	875	0,011%
2- Arábia Saudita	745	750	838	775	900	850	3,276%
3- México	578	616	682	722	760	770	6,248%
4- União Europeia	734	727	671	709	710	720	-0,320%
5- Iraque	598	610	673	722	690	710	3,779%
6- África do Sul	326	371	355	369	420	440	5,609%
7- Hong Kong	410	300	272	299	360	380	0,750%
8- Angola	287	301	321	365	240	260	-2,941%
9- China	238	254	244	260	250	260	1,317%
10- Cuba	134	196	182	186	210	235	9,066%
11- Outros	3.234	3.487	3.542	3.545	3.141	3.140	-1,306%
Mundo (Total)	**8.228**	**8.540**	**8.689**	**8.893**	**8.639**	**8.693**	**0,955%**
Exportações de carne de frango no mundo e em países selecionados							
1- Brasil	3.443	3.508	3.482	3.558	3.740	3.880	2,345%
2- Estados Unidos	3.165	3.299	3.332	3.312	2.990	3.221	-0,608%
3- União Europeia	1.044	1.094	1.083	1.133	1.150	1.190	2,456%
4- Tailândia	467	538	504	546	580	570	3,790%
5- China	422	411	420	430	395	375	-1,941%
6- Turquia	206	284	337	379	340	360	10,355%
7- Argentina	224	295	334	278	200	225	-3,721%
8- Ucrânia	42	75	141	167	180	190	34,379%
9- Canadá	143	141	150	137	130	140	-1,250%
10- Belarus	74	105	105	113	120	100	5,819%
11- Chile	90	93	88	87	95	100	1,669%
12- Outros	253	244	279	330	311	337	6,881%
Mundo (Total)	**9.573**	**10.087**	**10.255**	**10.470**	**10.231**	**10.688**	**1,770%**

Fonte: *USDA*

Caso a produção de carne bovina se recupere e a oferta interna seja ampliada e os preços se reduzam, teremos uma maior competitividade no mercado de carnes e os reflexos serão negativos para todas as carnes. Mais uma vez será um ano de cautela, de consolidar projetos, estudar cuidadosamente planos de expansões, buscar ampliar e consolidar mercados.

[1]*Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves*